

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Gabriel Pinheiro Pereira

**A INCLUSÃO NOS ESPAÇOS SOCIO-
EDUCATIVOS EVANGÉLICOS**

**Campinas
2011**

**Universidade Estadual de Campinas
Faculdade de Educação**

Gabriel Pinheiro Pereira

**A INCLUSÃO NOS ESPAÇOS SOCIO-
EDUCATIVOS EVANGÉLICOS**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência para a
conclusão de curso de Pedagogia na
Faculdade de Educação da
Universidade Estadual de Campinas,
sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria
Teresa Eglér Mantoan

**Campinas
2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
Rosemary Passos – CRB-8ª/5751

P414i Pereira, Gabriel Pinheiro, 1986-
A inclusão em espaços sócio-educativos evangélicos /
Gabriel Pinheiro Pereira. – Campinas, SP: [s.n.], 2011.

Orientador: Maria Teresa Egler Mantoan.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) –
Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de
Educação.

1. Inclusão. 2. Religião. 3. Educação inclusiva. I.
Mantoan, Maria Teresa Égler. II. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-020-BFE

Gabriel Pinheiro Pereira

A INCLUSÃO NOS ESPAÇOS SOCIO-EDUCATIVOS EVANGÉLICOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência para a conclusão de curso de Pedagogia na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Eglér Mantoan

Campinas, _____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof^a. Dr^a. Maria Teresa Eglér Mantoan

Prof^a. Ms. Elizabete Cristona Costa Renders

**Campinas
2011**

***Dedico este trabalho ao
Autor da Vida, o único que
é merecedor de tudo que
há em mim! Obrigado
Jesus Cristo...***

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, que me deu o dom mais preciso que é a vida. A minha linda esposa Milca, que me deu o seu amor e sua dedicação. Aos meus pais Ariosto e Ângela que me deram educação, torcida e formaram meu caráter, meus melhores professores. Aos meus irmãos Tiago e Matheus que foram e são meus colegas de classe da nossa escola da vida. A professora Maria Teresa Mantoan que acreditou em mim quando eu mesmo não acreditava, mostrando que a inclusão não é somente algo para estudar, mas sim para viver. A todos que contribuíram nesse trabalho, disponibilizando tempo para serem entrevistados e apontando suas idéias. E a todos que um dia me mostraram que a educação é algo possível, não importando somente com a realidade que nos cerca, mas com o que sonhamos e lutamos para acontecer.

RESUMO

A INCLUSÃO EM ESPAÇOS SÓCIO-EDUCACIONAIS EVANGÉLICOS

AUTOR: GABRIEL PINHEIRO PEREIRA

ORIENTADOR(A): PROF(A). DR(A). MARIA TERESA EGLÉR MANTOAN

A igreja como constituição social é um espaço dos mais importantes para o cumprimento das políticas públicas de inclusão. No foco deste trabalho está a religião evangélica, que é um dos movimentos religiosos que mais vem crescendo na população brasileira, reunindo seguidores e sendo um canal privilegiado de informação e sócio-educativo. Ressaltamos neste trabalho como a inclusão tem acontecido dentro de espaços religiosos evangélicos, suas práticas interligadas a ensinamentos sagrados como uma ação pública de garantia de direitos de todos os cidadãos. Tratamos especialmente da inclusão de pessoas com deficiência mas toda ação inclusiva deve abranger os seguimentos sociais em geral, as pessoas, indistintamente praticantes ou não de uma religião.

PALAVRAS-CHAVE: Inclusão, Religião, Políticas Inclusivas

NÚMERO DE PÁGINAS DO TCC:

CURSO: PEDAGOGIA DIURNO

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
PROBLEMA.....	13
OBJETIVO	14
METODOLOGIA	15
ANÁLISE DAS ENTREVISTAS.....	17
1.1 Apresentação da Análise.....	17
1.2 Igreja A.....	20
1.2 Igreja B.....	27
1.4 Igreja C.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS	45

Introdução

“Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.”

Karl Marx

Atualmente a inclusão tem se distanciado da sua essência. Isso é consequência de mais um “modismo”. A mídia nos bombardeia por todos os lados insistindo na idéia de que ser uma pessoa inclusiva “é legal!” Aconteceu o mesmo com a ‘honestidade’. É como se no fundo dissessem para nós: *ser inclusivo é ser do bem.*

Não se trata de ser do bem ou do mal, mas de cumprir a lei. A inclusão está amparada por vários documentos que a legitimam. Ela só ocorre quando alguém ou algo está fora, ou seja, excluído. Sendo assim, podemos falar de inclusão quando de fato existe a exclusão.

Porém, se existe algo que devemos “marketizar” não é a inclusão, mas sim o respeito a todos. Como posso falar de inclusão sem antes citar o conceito da diferença? Quem é o diferente? Ou melhor, quem sou eu? São boas perguntas que podem nos nortear no entendimento do princípio da inclusão.

“Mas se a diferença é tomada como parâmetro, não fixamos mais a igualdade como norma e fazemos cair toda uma hierarquia das igualdades e diferenças que sustentam a “normalização”.” (MANTOAN, 2003, p.32)

Hoje quando pensamos em inclusão logo pensamos em pessoas com deficiências, pois é assim que ela tem sido entendida e praticada. Porém inclusão não está focada unicamente na inserção de pessoas com deficiência nas escolas e demais instituições sociais.

Quando leio documentos sobre a inclusão, sinto na verdade uma RE-afirmação de direitos. É como se tivesse que ressaltar algo que já intrinsecamente existe. A Constituição Federal/88 juntamente com a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência da ONU/2009 e o Código de Direitos Humanos deixam bem claro que o respeito é a TODO nas suas diferenças. “TODOS” significa todos. Ninguém fica de fora. É triste saber que ainda precisam reescrever vários outros documentos que legitimem que negros, mulheres, homossexuais e pessoas com deficiência fazem parte desse “TODOS”.

E mais algumas questões que nos afligem: será que o caminho é munir a população com documentos e leis sobre a inclusão ou educar para que todos respeitem as diferenças? Como convencer uma população, que cada dia mais é individualista, a ter respeito pelas diferenças? Vendo todas essas perguntas parece que as respostas só podem ser utópicas. Mas é preciso começar! Lamentar e ficar à espera de que algo melhore nesse sentido em nada mudará o que temos hoje. É preciso agir!

Uma possível resposta às questões anteriores seria que cada pessoa começasse por algum ponto. Algumas poderiam escolher a políticas e as leis, outras educar e conscientizar. Ambas caminhando juntas já é um bom começo.

Quando acessamos a documentos como a Declaração da Guatemala, O Acesso de Pessoas com Deficiência às Classes e Escolas Comuns da Rede Regular de Ensino e o Decreto nº 6.949 da Presidência da República notamos que algo está sendo feito, e algo muito bom.

A Declaração de Guatemala é um marco para os Estados Americanos, para que ocorra a “eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiências.” O documento é, como dito anteriormente, uma

reafirmação de constituições e Código dos Direitos Humanos, porém em destaque às pessoas com algum tipo de deficiência. Algo inovador é o princípio de autonomia, que deixa de lado a prática de tutelar qualquer pessoa com deficiência, mostrando à população em geral que todos nós precisamos ser ativos socialmente e ter cuidados, privilégios devidos as suas condições, mas, acima de tudo, tendo respeitado o direito de ser livre e a possibilidade de exercê-lo.

Um documento de deixa claro que a discriminação não está somente em atitudes excludentes em relação às pessoas com deficiência, mas em qualquer ação que interfira nos direitos desses cidadãos e no gozo de sua liberdade de decisões e escolha. Um documento moderno e arrojado, sendo um dos primeiros onde se trabalha com a autonomia e o respeito à diferença, distanciando o conceito de cuidado e tutoria.

Outros dois documentos são reflexos da Declaração de Guatemala. Um deles é a Cartilha denominada do Acesso de Pessoas com Deficiência às Classes e Escolas Comuns da Rede Regular de Ensino, que traz valores e conceitos referentes à inclusão escolar nas escolas não permitindo a exclusão de alunos sobre qualquer pretexto. O outro é o Decreto nº 6.949 de 25 de Agosto de 2009 que promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de Março de 2007, outro alicerce da Lei Brasileira à inclusão de pessoas com deficiência; ambos os documentos são frutos de uma integração entre política e prática, pois tais documentos não seriam possíveis somente em teoria.

Para trabalhar a conscientização da população são necessárias leis que amparem as práticas inclusivas, da mesma forma que as leis derivam e se aperfeiçoam dessa conscientização.

E é exatamente o que estamos fazendo aqui. Começando por um lado, é claro, pela educação!

“A perspectiva de se formar uma nova geração dentro de um projeto educacional inclusivo é fruto do exercício diário da cooperação e da fraternidade, do reconhecimento e do valor das diferenças, o que não exclui a interação com o universo do conhecimento em suas diferentes áreas.” (MANTOAN, 2003, p9)

Problema

O problema e tema da pesquisa será a ***“Inclusão nos espaços socio-educativos Evangélicos”***.

A pesquisa consistiu em analisar os sentidos da inclusão, focando na questão da deficiência física, sensorial e mental, dentro de espaços socio-educativos coordenados por instituições religiosas evangélicas. Para isso nosso trabalho teve caráter qualitativo. Utilizando como ferramenta, a entrevista semi-estruturada.

Este estudo focou a opinião de representantes de três ramos do protestantismo: o tradicional, o pentecostal e o neopentecostal.

O problema desta pesquisa envolveu o posicionamento de nossos sujeitos sobre a inclusão a partir das seguintes questões:

- O que pensam sobre inclusão?
- Qual é a posição doutrinária que suas igrejas adotam sobre a inclusão?
- Qual a figura ou texto religioso em que se baseiam para dar sentido à inclusão?
- Em suas igrejas existem programas inclusivos? Se sim, qual a sua opinião sobre eles?
- Que conhecimentos têm sobre legislação e documentos nacionais que asseguram uma sociedade para todos?

Objetivo

Nosso objetivo não é questionar a doutrina atual das Igrejas Evangélicas, mas conhecer como a inclusão se dá em seus espaços sociais como ambientes abertos e como se praticam nesses espaços as leis humanas e sagradas, fundamentadas nas doutrinas das igrejas estudadas.

Metodologia

Coletamos dados e os analisamos, mostrando como as instituições se portam em relação à problemática inclusiva.

Valorizamos mais do que está escrito ou planejado em documentos, o vivenciado por essas pessoas por meio de experiências em seus respectivos espaços religiosos.

Fizemos oito entrevistas semi estruturadas sendo, dois com pessoas do seguimento pentecostal religioso, três do seguimento neopentecostal e três do seguimento tradicional que atuam como ministros eclesiásticos, líderes de educação religiosa e atuantes em programas de inclusão nas igrejas de um município do interior paulista. Para dar liberdade para o entrevistado de expor suas idéias e opiniões as entrevistas foram realizadas fora dos seus espaços religiosos.

Gravamos todas as suas falas e transcrevemos cada uma para melhor analisá-las, e não serem perdidos dados importantes.

Para não coagir nenhum entrevistado, cada um deles assinou um termo de consentimento de participação na pesquisa, sendo informados que não seriam identificados na mesma.

Analisamos cada entrevista baseando-nos em estudos acadêmicos relacionados à inclusão no seu sentido amplo e no que diz respeito à inserção de pessoas com deficiência em ambiente comuns a todos.

As entrevistas na íntegra estão publicadas nos anexos deste trabalho.

A análise do material coletado será feita a partir do estudo das respostas dos entrevistados às questões que constituem o problema deste TCC. Reunimos para realizar essa análise as três primeiras questões já citadas anteriormente, dado que

elas dizem respeito a o sentido da inclusão e seu embasamento doutrinário nas três seguimentos protestantes em estudo. As duas últimas questões relativas ao efetivo trabalho inclusivo e ao conhecimento da legislação que orienta as instituições brasileiras a para atuarem de forma inclusiva são motivo de uma outra parte da análise.

Finalmente a conclusão é exposta reunindo e expondo o que esses dois grupos de respostas analisados contém sobre os sentidos da inclusão nos ambientes religiosos evangélicos estudados. Não perdemos de vista a idéia de que o trabalho tem como finalidade iluminar a questão para os que propõem nessas igrejas iniciativas inclusivas coordenem suas ações segundo o sentido da inclusão como o exercício de convivência com as diferenças em seu sentido amplo.

Análise das Entrevistas

Apresentação da Análise

O processo de inclusão deveria ser considerado natural em qualquer espaço social, principalmente quando se fala em uma instituição religiosa, visto que a religião é repleta de ensinamentos e o respeito ao próximo é considerado algo fundamental.

Ao focalizarmos nossa análise na religião evangélica, observamos que ela tem como principal líder, Jesus Cristo. Sua história é contada pelo livro de maior importância, e certamente de grande circulação, aos evangélicos: a Bíblia Sagrada, que serve como manual de doutrina. Porém, quando colocamos os escritos bíblicos e exemplos de Jesus em confronto com o atual comportamento das Igrejas Evangélicas na questão da inclusão, surgem algumas questões:

I - Os ensinamentos dispostos na doutrina estão sendo seguidos?

II - A Igreja Evangélica, como espaço social, está ou não inserida no processo de inclusão?

Nosso objetivo não é questionar a doutrina atual das Igrejas Evangélicas, ao contrário, mas questionar essas instituições como espaços sociais, pois as mesmas estão inseridas dentro da sociedade e precisam se adaptar à legislação e a determinadas políticas públicas que o país, em que estão situadas, promove como é o caso, nos últimos tempos, das iniciativas governamentais brasileiras que objetivam a promoção da inclusão de pessoas com deficiência em diferentes espaços.

Quando debatemos o assunto com representantes dos variados segmentos das Igrejas Evangélicas podemos observar como o assunto tem sido tratado, qual é a importância que tem se dado a ele, principalmente, qual é o nível de compreensão e de informações que tais representantes possuem acerca da inclusão.

É necessário salientar que temos uma linha muito tênue dentro da religião cristã sobre esse tema. Primeiro pelo fato de que, na maioria das vezes, a deficiência é tratada exclusivamente como um mau, tendo em vista que precisa ser exterminada, ou seja, “curada”. Por outro lado temos a perspectiva da caridade que as igrejas possuem, não entendendo a inclusão como um processo civil amparado pela lei, sendo regra e não “boa obra”. Essas duas perspectivas nos provocam a reflexão: quando tratamos a deficiência como algo que necessariamente precisa ser extinta, o lado caridoso entra muito forte, porque quando uma pessoa não consegue se livrar do seu mau, ou seja, a deficiência, ela é merecedora de caridade ou/e boas obras. E é com um apelo muito forte às boas obras é que as igrejas se perdem e não trabalham com a essência da inclusão.

A inclusão não é e não deve ser alvo de caridade. Esse sentimento prejudica o a concretização das diferentes etapas do processo de inclusão. Sendo assim as Igrejas Evangélicas, que pensam estar fazendo algo positivo, estão na verdade, excluindo e promovendo a manutenção do preconceito.

A inclusão está baseada nos conceitos de identidade e diferença, logo, não cabe transformar todos em iguais (curar), mas em respeitar as diferenças, não colocando qualquer obstáculo à profissão de fé de cada um.

Agora, quando tratamos da inclusão dentro de espaços educacionais, a situação ganha contornos ainda mais complexos. Primeiramente porque os esses espaços, nas Igrejas Evangélicas, limitam-se, na maioria das vezes, em

ensinamentos relacionados à doutrina evangélica e de como cada Igreja interpreta os escritos bíblicos. É também possível afirmarmos que os sermões e reuniões com reflexões podem se tornar espaços educativos, porém é preciso compreender a didática que cada instituição religiosa segue.

Cada seguimento protestante evangélico tem uma didática que se difere das outras, isso ocorre devido à necessidade de voltar a prática da religião em prol da camada da sociedade que elas querem atender e a interpretação que dão aos escritos bíblicos. Nas entrevistas que fizemos, notamos nas falas as diferenças de cada instituição. Os segmentos interpretam os escritos bíblicos conforme seu entendimento e montam suas ações, pautadas em suas interpretações. Assim nasce a diversidade de Igrejas Protestantes que temos. E é esse caráter diverso permite a existência de múltiplas didáticas e concepções de educação, logo, isso não seria diferente em relação à inclusão.

Nosso trabalho não é analisar qual é a didática e/ou doutrina certa, favorável ou não à inclusão como afirmamos anteriormente. Nosso propósito é observar como cada uma se comporta em relação à questão inclusiva e como os seus espaços educacionais a promovem ou ignoram.

Das doutrinas, segmentos e instituições religiosas, separamos uma Igreja do seguimento pentecostal – que denominaremos Igreja A – outra do seguimento tradicional – denominada Igreja B – e outra do seguimento neopentecostal – denominada Igreja C. As escolhemos, pois são essas instituições as que mais marcavam os seus segmentos, são bem distintas em suas doutrinas e possuem projetos, culturas, públicos e sistemas socioeducacionais diferentes.

A escolha dos três seguimentos é para explicitar uma visão geral do protestantismo evangélico, promovendo uma pequena amostra de como as Igrejas Evangélicas brasileiras tratam a questão da inclusão.

Análise das Entrevistas – Igreja A

Da igreja A nós separamos dois integrantes: um pastor e um líder da educação, visto que a instituição não trabalha com inclusão e, portanto, não possui um responsável para a questão.

É oportuno destacar que a Igreja A faz parte do movimento pentecostal, o mais presente entre os evangélicos brasileiros. Esse seguimento teve origem no Brasil em 1910, através de missionários suecos que vieram para cá e difundiram novidade do pentecostalismo, vinda dos Estados Unidos.

O segmento é famoso, pois tem um grande apelo para as questões espirituais, ou seja, movidos pelo pentecostes, uma festa judaica que marca a vinda do Espírito Santo depois de 50 dias após a ascensão de Jesus Cristo aos céus, são movidos pelo Espírito Santo, e por isso, conhecidos como Pentecostais.

Tendo esse forte apelo às questões espirituais, os Pentecostais são também fortemente tendenciosos ao falar sobre curas e milagres, e antigamente restringiam discussões sobre as questões que envolvem a inclusão. No entanto, isso vem mudando com o passar do tempo. Atualmente, o movimento está no ano do seu centenário e grandes mudanças ocorreram em sua estrutura. Essas alterações possibilitaram a mudança da forma de pensar a inclusão. O processo, em sua

totalidade, deu origem a um pensamento mais moderno sobre o comportamento social e tem sido um grande diferencial os avanços da ciência e, principalmente, das ciências sociais na difusão dessas mudanças.

Esse fenômeno é notado facilmente nas entrevistas dos integrantes desse segmento. Primeiro, de maneira suave, se manifestam conceitos sobre a cultura que traz o pentecostalismo original, posteriormente, uma mudança caracterizada pela modernização do pensamento da atual Igreja.

Analisando a fala do pastor dessa Igreja, na nossa primeira pergunta sobre o que se entende por inclusão, de forma rápida e sucinta temos a seguinte resposta: *“Atender tanto espiritualmente quanto socialmente”*. Ou seja, para ele a inclusão não é só um fato social, mas primeiramente um ato espiritual. Isso mostra claramente as raízes do pentecostalismo original, fundamentado no espiritualismo. Porém, junto com o espiritual vem o social, e isso é fruto de um pensamento moderno. Falar de igreja como um espaço social, onde o indivíduo tem o seu valor e é respeitado pelo que é, interessa à inclusão.

Mais uma informação que nos mostra a mudança do pentecostalismo em relação à inclusão é a formação dos seus líderes. No caso de nossos entrevistados, temos o pastor que está se formando em direito e o outro, líder da educação, graduando-se em psicologia. Ou seja, dois cursos de ciências humanas fundamentados por uma teoria centrada no homem, que não reverencia o espiritualismo.

Ainda na entrevista do pastor da igreja A, quando fazemos menção sobre a Igreja ser um espaço social, e ela deve ou não participar de programas de inclusão, observamos que o compromisso com tais políticas vem sendo despertado. Diferente da Igreja Católica, onde a arquitetura se preocupa muito com a arte, as Igrejas

Evangélicas se preocupam com a otimização do espaço e o conforto das pessoas, ou seja, na primeira temos vitrais, esculturas, cúpulas, iluminação propícia e todo um aparato artístico; já nas Igrejas Evangélicas temos uma arquitetura mais moderna - isso ocorre também por serem instituições mais novas -, sem muitos adereços artísticos, com preocupações voltadas à acústica, utilização de cadeiras confortáveis, ar-condicionado, projetores, instrumentos e muitas vezes não há, sequer, a preocupação com a localização, o tamanho do imóvel ou o fato de ser alugado ou próprio. Por isso, acaba sendo mais fácil encontrar mais Igrejas Evangélicas hoje, do que Católicas.

Porém ambas as instituições têm dificuldade em se adaptar à realidade inclusiva. No caso do segmento pentecostal, a maioria das Igrejas desse tem como postura divulgar na cidade em que se situa, em suas filiais, o acesso a elas ora no bairro, ora no maior espaço em que congregam os pentecostais. Porém, na grande maioria das vezes, Igrejas pequenas, sem renda, acabam alugando prédios e não conseguem promover as alterações no espaço físico para atender a inclusão de pessoas com deficiência.

Porém, existem casos em que as Igrejas se desenvolveram e conseguiram aumentar o número de participantes e, assim, tiveram que aumentar o local onde acontecem os cultos e reuniões. É nessa etapa do desenvolvimento dessas instituições que há espaço para a disseminação de uma lógica inclusiva. A Igreja A está passando justamente por essa fase do processo.

Mas a fala do pastor no decorrer da entrevista, demonstra o quanto ainda é inconcluso o pensamento da Igreja A em relação à inclusão, pois os conceitos acabam se alterando em visões pró e contra a questão, sendo ora a favor das modernas concepções pentecostais, ora resgatando suas tradições, ou seja, vive-se

um cenário de transição. Percebe-se que ainda está muito presente a ideia de inclusão por meio da ação evangelizadora, como coloca o pastor: *“incluir as pessoas é evangelizá-las e protegê-las assim como Jesus fazia, por exemplo as alimentando e curando”*.

Como é possível incluir qualquer tipo de pessoa se há não respeito à diferença? Se as pessoas sempre se colocam em posições superiores às outras? No caso da Igreja A, não existe nenhuma trabalho real de inclusão. Isso acontece porque *“não houve a necessidade de nenhuma ação inclusiva, já que não possuímos nenhum membro que tenha alguma deficiência”*, tal qual afirma o pastor responsável. E é isso que ocorre na maioria das Igrejas Evangélicas, mas não somente nessas instituições e sim, na maioria dos espaços. É preciso que se tenha primeiramente a demanda para depois se prepararem para tais ações. Dessa maneira, o processo de inclusão fica restrito. Como é possível promover a inclusão se existem barreiras em relação às diferenças? E essas somente começam a ser quebradas quando os iguais são confrontados com a diferença, e ainda quando os diferentes não conseguem ser iguais? Como uma pessoa com deficiência pode se sentir bem em um espaço onde ele não se encaixa? Será que ele pode esperar a Igreja começar a criar ações inclusivas? Creio que não.

Acredito que esse ainda é ponto que mais afasta os evangélicos da inclusão genuína: a diferença. Algo que se difere do que a doutrina prega sempre tem um apelo negativo. Mas o problema não é necessariamente o que se difere da doutrina e sim o que não se parece com eles. Percebe-se isso, quando observamos um processo de hierarquia dentro da Igreja, onde as pessoas que mais se *“assemelham com Cristo”* são os líderes da instituição e não existem mais pessoas que querem se assemelhar com o seu líder natural – Jesus Cristo –, mas sim com o seu líder

artificial – o pastor. Agora, como que uma pessoa que tem deficiência se encaixa nesse processo?

Segundo a fala do pastor da Igreja A, essa pessoa se encaixaria perfeitamente. Quando questionado sobre a possibilidade dessas pessoas poderem assumir cargos de liderança, a aceitação é muito natural nos casos de deficiência física e sensorial. Ele mesmo diz que conhece pastores cegos e surdos, que têm a bíblia em Braille ou usam tradutores para a LIBRAS. Porém, penso em todas as adversidades que esses mesmo líderes – que apresentam alguma deficiência – passaram dentro da igreja para assumirem seus postos atuais. E mesmo assim, o quanto são questionados sobre o processo de “cura e milagres” que poderiam ser submetidos. Para a Igreja, a famosa expressão popular “um careca vender xampu de crescer cabelo” se encaixaria nessa situação.

Nos casos de deficiência mental os indivíduos que as tivessem não poderiam liderar ou se comprometer a aconselhar ou interpretar textos bíblicos para a doutrina, dadas as suas capacidades cognitivas, mas poderiam e deveriam participar de sua estrutura, auxiliando em qualquer parte da igreja sem, no entanto, ocuparem funções eclesiásticas. Esse problema se agrava quando a compreensão da Igreja sobre deficiência mental esbarra na questão espiritual, visto que muitas dessas instituições acreditam que este tipo de doença representa a junção de aspectos patológicos e espirituais, como afirmou o pastor da Igreja A ao ser questionado sobre a inclusão de pessoas com deficiência mental na instituição que faz parte.

Até agora, podemos observar uma oposição muito grande de ideias nas respostas desse pastor, visto que as tendências doutrinárias se contrapõem aos pensamentos modernos o tempo todo. Porém, uma das respostas chama muito a atenção: Quando peço para que feche seus comentários sobre as perguntas, ele

conclui dizendo que *“os cristãos precisam buscar a perfeição em Cristo, não no mundo físico, sendo assim, as curas são dádivas, e não são obrigatórias. Jesus nunca excluiu ninguém, sempre incluiu, por isso seu sacrifício”*. Essa fala representa claramente o pensamento do líder de sua doutrina – Jesus Cristo – e evidencia a dificuldade daqueles que conhecem seu exemplo como líder de praticá-lo em suas respectivas realidades.

As afirmações do segundo representante da igreja A, o líder da educação, traz outras contribuições. Ele está se graduando em psicologia e é possível perceber algumas raízes do pensamento pentecostal em sua fala, dada a sua posição na igreja, que é a de presbítero (uma função abaixo de pastor), porém não tão profundas porque seu pensamento é menos doutrinário, devido ao fato de ter menor tempo de estudo em relação a um pastor.

Quando questionado sobre o que é inclusão, na resposta temos uma grande surpresa: *“é você trabalhar para que todas as limitações acabem para essas pessoas que tem deficiência, e elas possam se sentir iguais as demais”*. Interessante o pensamento até a última parte: *“se sentirem iguais”*. Não precisam se sentir iguais, ao contrário, elas são diferentes e querem ser respeitadas por isso. Entretanto, a primeira parte cabe em uma perspectiva inclusiva. Se uma igreja tiver esse pensamento, não se colocando como superior e trabalhar para as pessoas com deficiência, aí a inclusão será viabilizada.

Em contrapartida, mesmo tendo, muitas vezes, um pensamento favorável à inclusão, não existem trabalhos que a contemplem na igreja, e pelo mesmo motivo o pastor anteriormente respondeu: *“não tivemos necessidade ainda”*.

Mais uma vez nos deparamos com a falta de informação das Igrejas em relação à inclusão. Não vemos em nenhum documento que o processo deve ser

iniciado mediante necessidade, vemos o contrário, determinações que norteiam a população para que nenhuma pessoa se sinta impedida, sem liberdade. Não percebo nenhuma oposição às leis e processos para que não haja inclusão nas Igrejas, mas sim uma grande falta de informação das pessoas e principalmente de seus líderes.

Percebemos isso no decorrer da entrevista do líder de educação da Igreja A, que o pensamento sobre a inclusão é muito positivo, porém o seu conceito para com a inclusão é limitado. Observa-se na sua fala uma preocupação muito grande em relação aos benefícios que a inclusão traz para aquele espaço: *“quem sabe hoje não existam muitas curas no meio da Igreja porque Deus percebe o quanto é valioso o resultado que a inclusão traz entre nós – o amor.”* Ele se fundamenta em um exemplo que há no espaço que frequenta, visto que ali vai um rapaz que tem Síndrome de Down e este, quando se encontra na Igreja, não tem nenhuma barreira, sendo muitas vezes não evidente a síndrome. Os demais argumentos se assemelham com o pastor da mesma igreja, esses já analisados.

Podemos analisar que a Igreja A tem sim, uma influência muito forte do seu passado, como se houvesse um medo de se apartar do que é certo, e isso é fruto do pentecostalismo. Percebemos claramente que o movimento pentecostal é supervalorizado entre os seus praticantes. Ou seja, quando falamos de inclusão em uma Igreja que, em relação às outras, tem suas raízes no espiritualismo, o processo se torna de difícil compreensão.

Entretanto, junto com a forte influência do passado, ainda percebemos uma mudança, ou seja, estamos em um tempo de transformações de conceitos dessa Igreja. Dá-se essa necessidade, pois ainda existe falta de informação dos fieis e autoridades religiosas que até então acreditaram que não era preciso praticar a

inclusão já que ainda não havia “necessidade”. Esse tipo de pensamento precisa ser extinto das Igrejas, para que a inclusão ocorra sem essa “necessidade”, pois assim não há inclusão. Como posso incluir uma pessoa em um ambiente em que as pessoas não estão preparadas para incluí-la?

Logo, as concepções de inclusão devem ser reinterpretadas pelas Igrejas, não afetando suas doutrinas, ao contrário, mostrando que o processo de inclusão em parte alguma fere a fé e é favorável ao pensamento cristão.

Análise das Entrevistas – Igreja B

A Igreja B faz parte do segmento tradicional do protestantismo. As entrevistas foram feitas com três integrantes: um pastor, uma líder de educação e uma intérprete de libras.

Esse segmento é o mais antigo no Brasil e no mundo. É o alicerce de todo o protestantismo mundial, teve início na Reforma Protestante, evento em que o monge Martinho Lutero protestou contra algumas práticas da Igreja no período medieval. Esse protesto gerou um texto chamado “As 95 teses de Martinho Lutero”. No Brasil, a Igreja protestante chegou ao século XIX, período imperial, com missionários europeus e norte-americanos, se expandiu e hoje tem ascendência sobre boa parte da população.

O segmento tradicional tem sua doutrina, assim como os outros, baseada nos escritos bíblicos, porém, os tradicionais possuem um apego maior às escrituras, o que fez com que se tornassem os maiores estudiosos entre os evangélicos. Isso é notório quando observamos o número de faculdades e cursos de teologia fundados

pelos tradicionais em relação aos neopentecostais e pentecostais. Além disso, são famosos pela fundação de editoras e produção de textos acadêmicos.

Outra característica dos tradicionais é que seus seguidores são de classes sociais mais abastadas financeiramente do que de outros segmentos. Não há nenhuma segregação ou escolha das Igrejas, porém, pela característica de cultos menos arrojados, com canções mais serenas e pregações mais argumentativas, há maior interesse da elite em participar dessas instituições.

A soma de todas essas características pode ocasionar em uma Igreja mais preparada para a inclusão, pois há preparação maior de seus seguidores, que são pessoas com acesso maior às informações. Podemos perceber isso a partir dos indivíduos que foram entrevistados: o pastor é bacharel em teologia, a líder de educação, pedagoga e diretora na diretoria de ensino do município, e a intérprete de libras é a tradutora oficial municipal, escolhida para qualquer evento civil.

A Igreja tradicional também está mais preparada no âmbito financeiro. Na maioria das vezes são grandes denominações. O movimento pentecostal e o neopentecostal são os que estão em maior crescimento, surgindo mais denominações que crescem unidas. Dessa forma, interligadas e com maiores recursos, podem ter prédios próprios e investir em inclusão.

Essa condição favorável é notória na Igreja que escolhemos para a entrevista, pelo fato de ser a única preparada fisicamente para atender a inclusão. Com rampas de acesso, portas largas, banheiro preparados, espaços com inscrições em Braille, ou seja, um espaço mais apropriado e amparado pela lei da inclusão.

Ainda durante a análise das entrevistas dos membros desta Igreja, percebemos que as interpretações caminham para a questão da diferença. Quando perguntamos como a inclusão é vista, temos a seguinte ideia entre os participantes:

“a inclusão ocorre quando acabamos com as limitações e possibilitamos que todos os indivíduos possam viver com respeito às suas diferenças.” Notamos a primeira vez a presença do termo “diferença”. Um conceito pautado no respeito à diferença é primordial quando se fala em inclusão. Em todos os segmentos até então analisados, não tivemos presente esse tipo de compreensão. Tivemos boas percepções em relação à inclusão, no entanto ainda sempre tivemos a sombra à ideia de ter que sermos todos iguais.

A questão da igualdade já foi analisada anteriormente, mas ainda não havia sido considerado o conceito de diferença. Inicialmente, trata-se de uma palavra de fácil compreensão, mas o conceito é muito questionado, sendo muitas vezes determinante para a inclusão. Ainda mais quando se trata de espaços religiosos. O respeito à diferença é muito raro, pois a massificação é algo muito constante nesses espaços, pois há necessidade de fazer com que as pessoas fiquem cada vez mais parecidas umas com as outras no comportamento, ignorando-se muitas vezes a cultura que cada pessoa ou povo tem.

Podemos destacar a fala da intérprete de libras que nos mostra algo a mais, ela diz que “*inclusão não é inserção*”, que são coisas diferentes. E isso é uma grande verdade.

Podemos perceber isso dentro de nossas escolas atualmente. Observando como está sendo feito o processo de inclusão, percebemos que é mais um processo de inserção do que um processo de inclusão. De modo semelhante temos as empresas que fazem a mesma coisa com funcionários com deficiência. Por causa da legislação há a necessidade de se ter certo número de pessoas com deficiência como funcionários, entretanto, quando essas pessoas chegam dentro das empresas, são tratadas de formas desagradáveis, não as respeitando integralmente e, sim,

considerando-as como pesos, elementos desfavoráveis, considerando a iniciativa dos empregadores um grande favor e não a abertura para uma oportunidade inclusiva.

Esse comentário a respeito de inserção é muito valioso, ainda mais se tratando de uma pessoa que faz alguma ação em relação à inclusão dentro da Igreja. Nota-se, a partir do comportamento da entrevistada, que o movimento tradicional é o mais preparado até então para ações inclusivas. E evidencia também um lado diferente dos encontrados em outros movimentos, o de que a inclusão precisa ser feita de maneira correta e não em detrimento de alguma exigência da fé. Como dito anteriormente, a inclusão muitas vezes é confundida com caridade e amor ao próximo e, assim, não tendo o respaldo necessário, é interpretada como um conceito de alta prioridade em nossos espaços sociais.

Outra resposta importante dada pelos três participantes foi quanto à Igreja ser um espaço fundamental dentro da sociedade. Tratá-la como um espaço social é mais um pensamento moderno.

Antigamente as Igrejas podiam ser consideradas como clubes privados, espaços em que eram aceitas pessoas que se assemelhavam umas com as outras, tanto em atitudes como em vestes e comportamentos. Uma pessoa que não se enquadrasse nesse perfil e, que quisesse fazer parte desses espaços, precisava passar por uma “conversão”, ou seja, deixar seus comportamentos e atitudes, e passar a praticar o que a doutrina ordenava. Dentro da Igreja é que você poderia desfrutar dos benefícios, das caridades e do amor ao próximo. Ou seja, um espaço nada afeito à ideia de inclusão.

Hoje, as igrejas estão se modificando, estão deixando de serem clubes privados e passando a ser locais públicos. Assim como na Igreja Católica, existem

Igrejas Evangélicas abertas todos os dias, com ação social, cursos livres, aconselhamento, entre outras atribuições.

Esse conceito foi explanado pelo pastor da Igreja B, que disse que a primeira Igreja, apresentada no livro de Atos da Bíblia Sagrada, se mostra preocupada com o próximo, não importando de onde ele venha, “*o próximo é realmente o meu próximo, e não a quem eu quero ver*”. Depois de muito tempo, a Igreja atual começa a se assemelhar com a Igreja primitiva que, em termos de inclusão, é muito mais moderna do que a atual.

A Igreja B tem vivido esse regresso. Possui um trabalho com surdos há oito anos, onde a intérprete e o pastor nos contam que não se limitam aos espaços da instituição, mas vão além. Seus participantes surdos têm a liberdade de, onde quer que esteja, pedir auxílio aos intérpretes da Igreja, que ficam disponíveis em escalas para o suporte. Consultas médicas, compras em mercados, roupas, apresentação em escolas ou faculdades, na Igreja, entrevistas de trabalho, são alguns dos locais que esses intérpretes auxiliam os participantes surdos. Porém, a intérprete nos ressalta: “*nós não somos babás, fazemos de tudo para ajudar, porém queremos que o processo de autonomia seja garantido; em todos os espaços que vamos para auxiliá-los, fazemos queixas para que esses espaços sejam apropriados para receber quaisquer tipos de pessoas, em especial as pessoas com qualquer tipo de deficiência. Eu mesma já fui ao hospital algumas vezes e reclamei sobre as portas sem escritos, sem escritos em Braille e sobre a ausência de intérpretes dentro do hospital.*” Aqui aparece mais um conceito importante, a autonomia.

E com todo esse pensamento, claro que Igreja B é a que possui maior número de participantes com deficiências que nas outras Igrejas analisadas. É a

instituição que melhor oferta oportunidades de inclusão e propicia espaços inclusivos.

Nos espaços educacionais não é diferente. A líder de educação, que é pedagoga e ainda é especializada em educação especial nos afirma que prepara seus professores à recepção de qualquer criança ou adulto com qualquer tipo de deficiência. Existe uma classe de surdos dentro da Igreja também. À primeira vista é estranho saber dessa segregação, mas depois a intérprete nos conta o porquê dessa classe em especial: *“existem alguns termos nas pregações ou estudos que os surdos não entendem, por exemplo, quando o pastor fala sobre os soldados romanos que pegaram Jesus, eles não sabem o que é um soldado romano, sendo assim nas minhas aulas eu apresento e exemplifico com figuras as palavras e verbos que aparecem nas pregações ou estudos”*. Porém ela também ressalta que precisa haver um estímulo de outros membros para participarem dessa classe, para que não se sofra com segregação e comodismo.

A facilidade de lidar com o tema foi percebida por meio das entrevistas realizadas junto aos membros dessa Igreja, dado o trabalho que vem sendo realizado com sucesso. Foi nos dito que nas apresentações da Igreja, vídeos ou qualquer tipo de evento a LIBRAS sempre é posta como regra. Isso mostra mais ainda a seriedade do trabalho em relação à inclusão.

Mesmo quando são questionados em relação às doutrinas bíblicas, os membros da Igreja se mostram favoráveis e conhecedores, bem embasados em textos diferentes dos padrões. Percebemos que a espiritualidade dos tradicionais é mais focada nos textos bíblicos do que em experiências, sendo assim são mais metódicos em relação às suas crenças e conceitos. Curas e milagres são sim aceitos pelos tradicionais, porém não é o mais importante do que assistir cada

peessoa que possui algum tipo de deficiência, outro fator importante para o seu comportamento em relação à inclusão. A mesma ideia foi afirmada por todos: *“a cura é divina, é Deus que escolhe quem irá ser curado. Porém não podemos ficar parados esperando somente algo de Deus. Deus um dia nos incluiu, porque a Salvação é um processo de inclusão. A cura é um poder vindo de Deus, porém a inclusão já foi nos dada, e só precisa de nós para acontecer. Jesus mesmo incluiu todo o tipo de pessoas, veja o exemplo dos leprosos, Jesus não simplesmente curou de longe, deu uma ordem para que a lepra saísse, primeiro ele chegou perto dos leprosos, que eram totalmente excluídos das pessoas, depois as tocou e ai sim as curou. Sendo assim, primeiro Jesus as incluiu e como consequência dessa inclusão eles foram curados.”* Essa fala fundamenta o pensamento e o comportamento da Igreja B.

Porém, mesmo diante de todo esse comportamento favorável à inclusão, a intérprete e a líder de educação dizem que o cenário pode melhorar. Elas cobram das pessoas o envolvimento maior nas atividades que envolvam inclusão, a participação nos cursos de LIBRAS que são oferecidos na Igreja gratuitamente, porque muitas vezes os que hoje são intérpretes, acabam se tornando “muletas” para que as pessoas não sintam a necessidade de fazer LIBRAS, como se aquelas pessoas que já sabem são suficientes. E mesmo sem fazer uso da linguagem, se envolver com eles, para que haja um processo de comunicação; as pessoas ficam inibidas por não saberem os sinais, acabam deixando de ser inclusivas, e passam a ser favoráveis à inserção.

De certa forma, a Igreja do movimento tradicional apresentou maior preparo em relação à inclusão. Como falamos anteriormente, é uma Igreja mais informada e preparada financeiramente, compondo duas características favoráveis a esse

processo. Mas ambas as instituições citadas até então possuem melhorias contínuas acontecendo, o que nos mostra um processo de mudança. Mudança que não caracteriza um avanço de conceitos, mas visto aqui, um regresso a um conceito que existia há muito tempo. Isso é o que muito nos interessa, pois a inclusão é um processo que precisa ser avaliado por todos os lados, para que seja feita da melhor forma, pois se tratando de um processo humano, pode haver inúmeras interpretações. Porém, essas interpretações podem atrapalhar ou beneficiar os indivíduos que são beneficiados nesse processo. Não queremos que a inclusão seja semelhante à escravidão ou ao machismo, conceitos que estão sendo banidos por leis que foram feitas pelos próprios antagonistas do processo, mas que a inclusão seja um processo caracterizado pelo respeito às diferenças e o princípio de autonomia seja válido para quem realmente quer e precise.

Análise das Entrevistas – Igreja C

De modo similar ao que acontece na Igreja B, na Igreja C, que é uma igreja do movimento neopentecostal, foram entrevistados três integrantes: um pastor, uma líder de educação e uma intérprete de LIBRAS.

O segmento neopentecostal é o mais novo entre os movimentos, tendo ele, em média, 30 a 40 anos. É uma tentativa da Igreja Evangélica de se modernizar culturalmente e em suas ações que eram tão criticadas historicamente. E conseqüentemente, tendo essa aceitação da população, objetiva aumentar o número dos seus seguidores. Tentativa que deu muito certo, pois hoje este é o

segmento que mais cresce em nosso país. Essa ação é muito semelhante ao que acontece com o movimento carismático da Igreja Católica.

Porém o segmento neopentecostal não possui uma raiz única. Ele é proveniente dos mais variados movimentos e doutrinas. É uma mistura de pentecostais e tradicionais nas suas variadas concepções e denominações, emergindo, assim, um movimento muito variado.

Muitas dessas denominações são frutos de mudanças de paradigmas, de antigas Igrejas, que se segregam e levam parte dos membros da outra instituição para uma nova, com outra visão sobre textos bíblicos e doutrinas. Porém, em muitos casos as Igrejas permanecem no “Credo da Igreja Evangélica”, mantendo princípios bíblicos básicos, porém se diferenciando em muito em relação aos outros escritos.

Temos desde Igrejas que se assemelham muito com tradicionais e pentecostais a outras que não possuem nada em comum com seus antigos movimentos, pois esses já são frutos da terceira ou até da quarta geração dentro do próprio segmento neopentecostal. Sendo assim, podemos ter desde Igrejas tradicionais ou pentecostais “renovadas” até Igrejas de surfistas ou de empresários. Há opções a todos, com a manutenção dos princípios bíblicos, mas com diferentes formas de expressão.

Sendo assim, não temos um padrão para Igrejas Neopentecostais. Não podemos dizer que existe um apelo maior ou menor à inclusão, pois se diferem muito. Podemos ter instituições muito grandes e muito bem financeiramente e outras extremamente pequenas com poucos recursos.

No entanto, precisamos definir algum ponto em comum entre essas Igrejas, pois todas fazem parte de um mesmo movimento, o Neopentecostal. Neutralizaremos as suas diferenças, visto que para nós, todas fazem parte de uma

mesma sociedade que precisa ser inclusiva. Neutralizando suas diferenças elas podem ser melhor analisadas.

Igrejas Neopentecostais são, em sua maioria, uma mescla dos dois antigos movimentos, ou seja, possuem um apelo ao espiritualismo, mas ao mesmo tempo valorizam a ciência e são voltados aos ensinamentos bíblicos, ainda que isto não se dê da mesma forma que ocorre com os tradicionais. Essas Igrejas buscam informações na maioria das vezes das dominações que migraram, e quando chegam a um grande patamar, formam suas próprias fontes de informações. Quando são responsáveis por suas informações, essas denominações também mesclam ensinamentos acadêmicos junto com os bíblicos, surgindo assim uma nova 'teologia', uma forma diferente de ver a Bíblia, não mais embasada somente em sua leitura crua, mas mesclada com várias outras ciências.

São Igrejas que têm um forte apelo às estratégias, sendo assim possuem uma forma atrativa à população que querem atender, uma espécie de marketing. Hoje as maiores denominações evangélicas fazem parte desse segmento, e também são as que mais são alvos de escândalos e divergências.

Com o seu crescimento em alta, as Igrejas Neopentecostais são muito favoráveis à locação de prédios estratégicos, bem localizados, e quando bem instalados promovem a aquisição desses prédios. Sendo assim, temos dois tempos, delimitados a partir do momento quando chegam a um determinado local, neste caso a prioridade é a instalação da Igreja e seu crescimento, e um segundo momento que se dá quando já cresceram e transformam seus espaços sociais. Nesta etapa vemos claramente a junção dos dois antigos movimentos.

Escolhemos uma Igreja, a Igreja C, que se encontra bem envolvida no segmento Neopentecostal, que já não é mais uma migração direta dos movimentos pentecostais ou tradicionais.

Uma característica importante que devemos explicitar é referente aos participantes da entrevista. Nos outros dois seguimentos, são pessoas que possuem uma faixa etária que varia entre 40 a 70 anos, já neste segmento são pessoas que ficam na faixa dos 20 aos 40 anos. São líderes jovens, mas são formados ou estão se formando em algo. Jovens, porém informados e ativos socialmente.

Na primeira questão sobre o que é inclusão, temos uma multiplicidade de conceitos. Desde *“fazer com que todos participem e se sintam normais”* até *“a inclusão precisa acontecer de verdade, deixar de ser moral e passar a ser real, não precisamos de inserção, mas sim de inclusão de verdade”*. Quanta diferença! Não parecem pessoas da mesma Igreja. Isto mostra mais uma vez a migração dessas pessoas dos mais variados lugares e segmentos, dos mais variados cursos e áreas de trabalho para a instituição.

Temos uma frase do pastor, a respeito do processo de inclusão da Igreja C que é muito interessante *“é trazer pra perto, respeitar”*. Quando questionado sobre isso, ele nos informa que a Igreja C é uma instituição que tem um respeito muito grande pela inclusão, não só de pessoas com deficiência, mas de todo o tipo de pessoa. É a quebra de paradigma da antiga Igreja, que antes não respeitava as pessoas como elas são, queria mudá-las a força, massificando seus pensamentos e atitudes. Por isso, o conceito de inclusão para o pastor não se limita à pessoa com deficiência, mas se expande às pessoas de todos os tipos.

Aqui temos uma situação inusitada. Primeiro temos uma Igreja que é moderna, e favorável ao novo, mas ainda vemos uma Igreja mesclada de ideias e

opiniões antigas. É possível dizer se essa é uma Igreja moderna ou uma Igreja que agrega diversas concepções? Cremos que a segunda opção é a que melhor define sua situação. Misturar conceitos não é modernizar. Precisamos modernizar nossos conceitos sim, porém sempre nos alimentando de algo que já foi conceito. Formar ideias em cima de “achismos” não é ciência, principalmente quando se trata de mesclar conhecimentos.

A Igreja C nitidamente está nessa situação, precisa necessariamente encontrar um norte para o seu percurso, ou primeiramente querer ter um norte, para que assim possa trilhar a linha de seu saber.

Isso é bem claro quando pergunto como os processos de inclusão são feitos nesta Igreja. A intérprete fala que *“precisa ser um processo conciso, não de uma forma eufórica no começo e dispersa na metade. Precisa ganhar dimensões, não em tamanho, porém em respeito.”* Quanto a se ter um programa de inclusão, é muito bom saber que a Igreja tem se preparado para recepcionar as pessoas com algum tipo de deficiência, mas este precisa ser um processo melhor elaborado, repleto de conceitos que muitas vezes não são conhecidos. Quando se faz um programa de inclusão bem amparado teoricamente é bem provável que caminhe para o sucesso, porém quando não, é mera “moda”. Principalmente quando a inclusão é usada mais como evangelização do que como direito de cidadão. Isso é o que vem acontecendo com as Igrejas Neopentecostais, que são consideradas mais modernas, mais socialmente corretas, mas não passa de um modismo social que não precisa ser estudado. Isso não é inclusão.

Esse é um fenômeno muito grave. Como falado anteriormente, as Igrejas Neopentecostais são as maiores e, sendo assim, são as que mais possuem a capacidade de despertar consciências a favor de um conceito. E ainda mais, poder

despertar nas pessoas uma conscientização favorável à inclusão nos mais variados setores da sociedade, pois os mesmos participantes dessas Igrejas são os mesmos em outros setores da sociedade. Entretanto, em um espaço onde as pessoas vão buscar algo para seguir, ao invés de encontrar um local favorável à inclusão, encontram um local influenciado pela inserção, ou seja, que diferença faz para sociedade?

A intérprete ainda continua dizendo *“temos que tomar cuidado para não virar uma Igreja dentro de outra, onde as pessoas não se interajam com a gente só porque existem alguns que podem porque sabem LIBRAS. Todos hoje têm acesso ao pastor, mas e os surdos, conseguem?”* Em uma igreja inclusiva, sim.

É confuso pensar em uma Igreja que possui um programa de inclusão, mas que ainda tem tantos empecilhos. Mas isso ocorre em consequência desse caráter diverso em relação aos valores, que a instituição toma como princípio e provoca a ausência de uma diretriz, um norte.

Porém, como em outros segmentos, tudo vem mudando, ainda mais no segmento Neopentecostal a mudança pode ser cada vez mais rápida. Seus participantes se apropriam cada dia mais dos conceitos modernos, informações e meios acadêmicos e podem rapidamente reverter um processo, pois estão mais aptos às mudanças de paradigmas do que os outros movimentos. A intérprete, por exemplo, tem mais consciência para a inclusão do que os demais, isso porque, de alguma forma, ela estudou e se mobilizou para que esses processos acontecessem dentro daquele espaço. Quem sabe o curso de LIBRAS tenha mais sucesso dentro dessa Igreja do que no caso da Igreja B.

Podemos ver marcas de um pensamento em mudança quando saímos da prática de ações inclusivas para a teoria da inclusão. São mais abertos, com

pensamentos mais modernos. Em relação à doutrina, por exemplo, obtemos pensamentos bem mais elaborados em relação ao pensamento social, *“a cura pode acontecer sim, e oramos a pedimos para que ela ocorra, mas isso vai acontecer quando Deus quiser, Deus PODE curar, e não DEVE. O manifestar de Deus é muito grande quando ocorre uma cura, porém é só por um determinado momento, agora quando um surdo consegue adorar a Deus com sinais, é uma vida de manifestação.”* A Igreja em si é muito inclusiva, pois abrange grande diversidade de culturas e pessoas, ainda mais quando pensamos no quão diferentes podem ser essas pessoas. Ou seja, a diferença acaba sendo ressaltada e ela é sempre um conceito favorável à inclusão.

Portanto, a Igreja Neopentecostal é a que pode melhor desenvolver a inclusão em seus espaços, isso dado ao seu crescimento, a busca do novo, a riqueza de diferenças e o respeito às diferenças entre as pessoas. Porém com um pensamento que abarca tanto o novo quanto o tradicional, a Igreja pode se perder e regredir seu processo inclusivo, não se abrindo ao novo, mas mexendo no velho, ainda mais quando a inexperiência agrava essa questão, não os permitindo definir um norte para os seus conceitos.

Podemos, então, definir o movimento Neopentecostal como um grande espaço para a inclusão, porém ainda potencial. A inclusão ainda está nas mãos dos tradicionais e ainda precisa ser alcançada de maneira ampla e verdadeira pelos Pentecostais.

Todas as Igrejas precisam continuar no seu processo de mudança, buscando sempre o conhecimento e a informação, deixando cada dia mais suas Igrejas se transformarem em espaços sociais, onde a população encontre um lugar de

informação e de fé. Tendo em vista toda essa análise, cabe a nós agora a traçar um trabalho de conscientização desses movimentos.

Considerações Finais

“Incluir é necessário, primordialmente para melhorar as condições da escola, de modo que nela se possam formar gerações mais preparadas para viver a vida na sua plenitude, livremente, sem preconceitos, sem barreiras.” (MANTOAN, 2003, p.53)

Porém, como pode haver exclusão em um ambiente cristão? A inclusão não deveria ser necessária em espaços educacionais evangélicos. Isso mesmo, não deveria existir! Como referimos nesse trabalho, a inclusão só existe porque em contrapartida existe a exclusão.

Em todas as entrevistas percebemos um vai-e-vem de opiniões, tanto entre igrejas como nos entrevistados. Não existe um pensamento doutrinário entre as igrejas. Com certeza, a inclusão não é foco comum a essas igrejas. As igrejas na atualidade têm outros focos em vista.

Desde o seu surgimento até os dias atuais, a Igreja Cristã mudou muito a sua maneira de pensar. E com o surgimento do protestantismo, agravou-se ainda mais em relação à inclusão. Esse fato é devido ao capitalismo adotar o protestantismo como sua religião, dado a igreja protestante aceitar o lucro, prática que era repudiada pela Igreja Romana, sendo assim muito bem vinda para a burguesia.

O pensamento no modo de produção capitalista é mais egocêntrico e competitivo, contrário a todo o conceito de inclusão, onde o respeito ao próximo e às diferenças são importantes.

Notamos facilmente isso nas entrevistas. Se perguntarmos sobre assuntos mais doutrinários, as idéias seriam muito parecidas, pois as mesmas são mais questionadas dentro de suas igrejas, mas quando se trata de inclusão...

Temos um embasamento histórico quanto ao pensamento da igreja evangélica, um pensamento mais competitivo e egocêntrico; vemos isso claramente na imensidão de suas igrejas, que cada dia mais crescem e se dividem em placas e doutrinas, crescer não fosse para as pessoas professarem sua fé, mas como uma forma de competição entre si.

O pensamento inclusivo hoje parece não ser algo doutrinário, mas sim, algo que precisa ser feito pela lei. Igrejas evangélicas maiores seguem as leis, as menores, usam da fé (curas) ou da falta de informação para não seguirem as leis.

Logo a pergunta que fazemos é: os projetos inclusivos dentro das igrejas evangélicas atuais são feitos em detrimento somente da lei ou há uma preocupação com o próximo?

Percebemos claramente que as igrejas que estão mais ativas em relação à ações inclusivas não são as mais modernas, pelo contrário, a inclusão não é uma ação moderna em detrimento aos escritos sagrados. O pensamento inclusivo na Bíblia Sagrada, que é o texto mais importante para a religião evangélica, não é moderno, é pelo contrário, bem primitivo; logo, igrejas que têm ações inclusivas não são modernas, são primitivas.

Todos os entrevistados, sem saber claramente, disseram isso. Quase todos usaram Jesus e seus discípulos como exemplos de pessoas que praticavam a inclusão. E outros foram mais além, desde o tempo de Moisés, um grande patriarca e profeta bíblico que também tinha ações inclusivas. Tais ações que foram escrita no livro de Deuteronômio. Como posso ter a figura mais expressiva do cristianismo, que é o próprio Jesus Cristo, sendo uma figura extremamente inclusiva e não ter uma igreja inclusiva?

Quando a inclusão é deixada de lado nesses espaços, notamos um afastamento das raízes de suas doutrinas; e quando praticam ações inclusivas, podemos dizer são seguidores dos passos de Cristo.

Vários textos bíblicos provam tal conceito. Basta segui-los.

Este trabalho não quer apontar erros. Somente queremos deixar um reflexão que sirvam de base para novas ações cristãs.

Repito, a inclusão não deveria ser uma novidade para a igreja, mas rotineira, doutrinária e quem sabe um dos seus principais alvos. Não deve ser praticado como algo imposto pela lei dos homens, uma vilã altera prédios e propõe mudanças em comportamentos do dia a dia; na verdade, a inclusão não deveria mudar nada, porque ela é algo intrínseco dentro da fé cristã.

A fé cristã é rica em conceitos e estes, constituem a base de muitas sociedades, porém no decorrer de sua história vai se misturando com interesses particulares, que a distanciam de sua essência. Para o estabelecimento de ações inclusivas dentro das igrejas evangélicas, é preciso abandonar a contaminação com pensamentos particulares, e voltar à essência, a partir de exemplos da mais importante figura do cristianismo que disse: *“amar ao próximo como a ti mesmo”*, frase importante de Jesus, recheada de conceitos:

“Ti mesmo” – EU (identidade) + “ao próximo” – OUTRO (diferenças) + “amar” – RESPEITO = INCLUSÃO

“A inclusão é um sonho possível!” (MANTOAN, 2003, p.92)

Referencias Bibliográficas

BRASIL. **Decreto 6.949/2009**. Disponível em www.planalto.gov.br

BRASIL. **Decreto 3.956/2001**. Disponível em www.planalto.gov.br

O Acesso de Alunos com Deficiência às Escolas e Classes Comuns da Rede Regular / Ministério Público Federal: Fundação Procurador Pedro Jorge de Melo e Silva (organizadores) / 2ª ed. rev. e atualiz. . Brasília: Procuradoria Federal dos Direitos do Cidadão, 2004.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão escolar : O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Editora Moderna, 2003.